

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
11 de Setembro de 2021  
O CINEMA DE VICHY – A FRANÇA OCUPADA (1940-44)

## LES CORRUPTEURS / 1941

*Um filme de Pierre Ramelot*

*Argumento:* Pierre Ramelot, François Mazeline / *Diretor de fotografia (35 mm. preto & branco):* Geo Blanc / *Direção artística:* Jacques Willemetz / *Cenários:* Lucien Aguetand / *Montagem:* Pierre Geran / *Interpretação:* Christine Paulle, Delia-Col, Colette Régis, Rogoni, Philippe Richard, Léonce Corne, Marcel Raine, François Redon, Serge Lillick, Martine Carol (com o pseudónimo de Maryse Harlay) / *Narração:* Pierre Perret.

*Produção:* Nova Filmes, por encomenda do IEQJ (Instituto de Estudos das Questões Judias); *director de produção:* Robert Muzard / *Cópia:* 35 mm, versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 28 minutos / *Estreia mundial:* Paris, 17 de Abril de 1942, como complemento de **Les Inconnus dans la Maison**, de Henri Decoin / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 3 de Outubro de 2009, no âmbito da rubrica “História Permanente do Cinema”.

**AVISO: devido à degradação do material de origem a primeira bobine (cerca de 10 minutos) do filme não tem som. Apesar desta falha, o filme foi restaurado por ser um documento excepcionalmente revelador da propaganda anti-semita na França de Vichy.**

\*\*\*\*\*

**Les Corrupteurs** é apresentado com **Le Mariage de Chiffon**, de Claude Autant-Lara (“folha” distribuída em separado).

\*\*\*\*\*

*Ver homens, mulheres e crianças tratados como uma vil manada,  
eis o triste privilégio da nossa época  
Por quê o direito de asilo nas nossas igrejas não existe mais?  
Por quê somos uns vencidos? Senhor, tende piedade de nós.  
Os judeus pertencem ao género humano.  
São nossos irmãos, como tantos outros.  
Um cristão não pode esquecê-lo.  
Carta Pastoral de Monsenhor Jules Saliège,  
Arcebispo de Toulouse, 23 de Agosto de 1942*

Como qualquer regime político, o governo fantoche de Vichy tinha os seus radicais, os seus moderados e os seus oportunistas. Entre os radicais, mesmo aqueles que não eram tão boçais quanto os membros da Milice ou da Liga Francesa Contra o Bolchevismo tinham posições idênticas às deles. Robert Brasillach, por exemplo, culto romancista e co-autor de um dos primeiros livros sobre a História do cinema (muito bem escrito e disponível para consulta no Centro de Documentação desta cinemateca, na sua segunda versão, feita durante a Ocupação), escreveu num artigo aquando das primeiras deportações para os campos da morte de crianças judias (até então só tinham enviado adultos): “*Temos de nos separar de todos os judeus, sem esquecer os pequenos*”. Brasillach, que seria julgado depois da guerra e executado em 1945, tem o cuidado de usar a palavra *petits*, que pode ser aplicada às crianças mas é-o sempre às crias dos animais, pois até os seus leitores fiéis poderiam ficar comovidos com a palavra *enfants*. Quem ainda pensa e proclama que o regime de Vichy não era visceralmente anti-semita e agia forçado pelo ocupante alemão (o próprio Pétain disse ao Núncio Apostólico, que protestava contra a deportação maciça de judeus em 1942, que entregara os judeus estrangeiros para poupar os franceses) deveria ver **Les Corrupteurs**, que é revelador do aspecto verdadeiramente patológico do anti-semitismo da extrema-direita francesa da época. O filme foi programado nas salas de todo o país como complemento de **Les Inconnus dans la Maison**, um *courtroom drama* em que Raimu tem uma memorável presença, de modo a garantir o maior número possível de espectadores.

**Les Corrupteurs** explica, para quem ainda pudesse ter alguma dúvida, por quê a polícia francesa (com algumas exceções documentadas) colaborou com tanto entusiasmo nas perseguições anti-semitas e na deportação para os campos de extermínio de dezenas de milhares de pessoas que viviam “*neste país, que não é o delas*”, como diz sem reboços o comentário do filme. Acima do ódio ao comunismo e à maçonaria, o anti-semitismo era um elemento central da “revolução nacional” da extrema-direita francesa. O filme condensa em trinta minutos o discurso oficial do regime de Vichy e dos seus correligionários e

como foi distribuído como complemento de um importante filme de ficção impunha este discurso a todos os espectadores, inclusive os que eram anti-pétainistas e não tinham estômago para ler nos jornais as diatribes de Robert Brasillach, Louis-Ferdinand Céline, Lucien Rabatet e outros intelectuais criminosos. Trata-se de uma obra didática, dividida em três partes, à francesa, com o objetivo muito claro de denunciar “o Perigo Judeu” que a França corria antes da instauração do regime de Vichy. Além de dominar a economia, os judeus, explica-nos a narração, eram responsáveis pela corrupção moral da juventude, devido ao poder que tinham na imprensa e no mundo do espetáculo. Felizmente, diz-nos o narrador, “o Marechal Pétain fez o primeiro gesto libertador, promulgando o Estatuto dos Judeus” (em Dezembro de 1940, apenas seis meses depois da ocupação do país): proibição de exercer diversas profissões, uma estrela de David amarela com a palavra *judeu* em letras que estilizavam os caracteres hebraicos e que tinha de estar “solidamente cosida” à roupa, etc. Encomendado pelo Instituto de Estudos das Questões Judias (!), o filme, que tem na sua equipa um cenógrafo de algum prestígio, Lucien Aguetand, mistura episódios encenados e trechos de outros filmes, inclusive americanos (há um trecho de **Scarface**, clássico entre os clássicos dos filmes de gangsters). No genérico, com exasperante cinismo, são citados como fontes os filmes da Warner, da United Artists e da Metro, ou seja, grande parte do cinema americano (inteiramente proibido na França de Vichy), sobretudo os filmes de gangsters. Isto era fazer dupla propaganda, contra os judeus e contra os Estados Unidos. Fotografias de célebres atores americanos que protagonizaram importantes filmes de gangsters também são apresentadas: Paul Muni, Edward G. Robinson e James Cagney. De modo significativo, não são incluídos trechos de filmes com Jean Gabin (então exilado em Hollywood e futuro voluntário das Forças Françaises Libres, o pequeno exército de de Gaulle, que agia paralelamente à resistência clandestina em França), que fez diversos papéis de bandido sedutor e era a maior vedeta cinematográfica francesa. Citar Gabin como mau exemplo era uma maneira segura de indispor os espectadores (todos os filmes com ele seriam discretamente proibidos a partir de 1941, assim como os com Michèle Morgan e ambos fariam filmes de propaganda anti-vichysta: **The Impostor**, de Julien Duvivier e **Passage do Marseille**, de Michael Curtiz). Mas não são apenas estas vedetas americanas que são apontadas como responsáveis pelo aumento da criminalidade em França “entre 1925 e 1939”. Num autêntico apelo ao homicídio são citados por escrito, num intertítulo, os nomes de vários produtores judeus franceses do pré-guerra, como Jacques Haïk, os irmãos Robert e Raymond Hakim (**Pépé-le-Moko**, **La Bête Humaine**, futuramente **Casque d’Or**) e Pierre Braunberger (**La Chienne**, futuramente **Moi, un Noir**), que tinham conseguido escapar a tempo da França do Marechal Pétain, o que visivelmente aumentou o ódio dos responsáveis pelo filme. Todo “o cinema era uma colónia judia”, que para corromper a sociedade francesa e a melhor dominar só propunha modelos anti-sociais ou exaltações do hedonismo, “o crime e a dissolução”. Neste ponto, o filme retoma e ilustra aquilo que foi dito textualmente por Pétain no discurso em que reconheceu a derrota: segundo ele, a França fora vencida porque “o espírito de prazer sobrepujou o espírito de sacrifício” e agora ia ser preciso pagar este erro com “sofrimento”. No filme, este discurso é ouvido por uma família contrita, numa sala onde reina um retrato de Pétain. **Les Corrupteurs** guarda sempre um tom didático, mas tem um crescendo de virulência assustador, ao apresentar o seu programa, que era pura e simplesmente a “solução final”, ainda na sua fase inicial. Quando são evocados alguns célebres escândalos financeiros dos anos 30 “à americana”, envolvendo judeus (Stawisky e Nathan, este último um homem ligado ao cinema), são apresentadas as fichas da polícia dos acusados (judeu = criminoso) e inseridas imagens da cena final de **Juden Süß** / “**O Judeu Süß**”, o mais repelente filme de propaganda anti-semita a ter saído da Alemanha de Hitler: a cena em que o judeu desmascarado é enforcado em praça pública (o filme foi lançado pela Gaumont no cinema Colisée, nos Champs-Élysées, acompanhado de uma brochura que o apresentava como “um grande filme histórico” e explicava o que era um judeu). “Mas Nathan e outros ainda escaparam”, não tiveram o destino de Süß, comenta irritado o narrador, que dá mais uma série de nomes. Uma cena feita especialmente para o filme, que mostra uma rusga policial num bar de proxenetas judeus, é uma transposição cristalina das rusgas anti-semitas da polícia francesa. Mas agora felizmente, caros franceses, “eles foram expulsos” e “os lugares estão livres”: os autênticos franceses vão poder ocupar os empregos e os bens dos judeus que foram deportados, o que foi efetivamente o caso. É o começo da “França de amanhã”. O modelo propagandístico é nítido: um objetivo preciso e a demonstração metódica de uma tese, de modo virulento, terrorista, no tom de quem sabe que venceu e prepara-se para derramar sangue. O filme foi estreado apenas quatro meses antes da grande redada de Agosto de 1942, conhecida como a *rafle du Vel d’Hiv*, porque as vítimas foram amontoadas no Velódromo de Inverno, em Paris, antes de seguirem para Auschwitz.

Antonio Rodrigues